

## DO ESTUDO DAS PALAVRAS AO ESTUDO DAS COISAS

CHARLES SOULIÉ.<sup>1</sup>

CAPÍTULO DO LIVRO DE CHRISTOPHE CHARLE E LAURENT JEAN-PIERRE, *LA VIE INTELLECTUELLE EN FRANCE, II, DE 1914 À NOS JOURS*, P. 470-477, SEUIL, 2016.

**Tradução:** Jefferson Agostini Mello<sup>2</sup>.

Se no século 19 as principais figuras intelectuais vinham do mundo literário ou do mundo jurídico, a segunda metade do século 20 é dominada por autores oriundos cada vez mais do mundo acadêmico literário, onde se desdobram múltiplos conflitos entre disciplinas, faculdades e projetos intelectuais. Em razão da forte politização do mundo universitário, essas lutas se encontram direta ou indiretamente em certas polêmicas da esfera cultural e midiática. Após o conflito dos anos 60, entre os antigos e os modernos dos anos 1960, seguem, sem que este desapareça, novos debates entre as várias concepções de modernidade acadêmica, que reduzem um pouco mais ainda a autonomia conquistada à época das reformas universitárias da Terceira República.<sup>3</sup>

### Um mundinho voltado essencialmente ao passado

Para avaliar o peso respectivo das diferentes disciplinas de letras e ciências humanas após a Segunda Guerra, pode-se partir do *Anuário da Educação Nacional*, de 1949. Na ordem hierárquica das academias, universidades, a de Paris, com a Sorbonne, fica em primeiro plano. Em seguida, no âmbito de cada faculdade de

---

<sup>1</sup> Professor de Sociologia da Universidade de Paris VIII. E-mail: charles.soulie@wanadoo.fr.

<sup>2</sup> Professor de Literatura e Cultura da Escola de Artes, Ciências e Humanidades e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da USP. E-mail: jefferson@usp.br.

<sup>3</sup> Regime republicano que vigorou, na França, de 1870 a 1940. Nota do tradutor.

letras, a filosofia está no topo, seguida da literatura francesa, dos estudos greco-latinos, da história e da geografia, com as línguas fechando a publicação. Essa hierarquia simbólica reproduz a ordem de antiguidade e legitimidade herdada do século 19.

À época, o núcleo das faculdades de letras é, pois, constituído pelas letras propriamente ditas, com o latim e o grego no centro, cujos professores são, aliás, em maior número do que os de literatura francesa. Língua de igreja e da tradição humanista, o latim ainda possui um papel-chave na hierarquia das fileiras do ensino secundário, meio século depois da “querela da nova Sorbonne”.<sup>4</sup> Uma das funções culturais tradicionais das faculdades de letras é a de conservar e transmitir às novas gerações a herança clássica das antigas humanidades, por meio da formação e da certificação dos docentes dos colégios<sup>5</sup> e dos liceus<sup>6</sup>. Exprime-se, então, toda uma relação com o passado – e, logo, uma relação consigo –, mas também com a produção de si que remete às funções sociais e políticas da literatura “francesa” e da história e da geografia “da França”, na construção da identidade nacional.

---

<sup>4</sup> Trata-se de uma série de polêmicas que ocorrem na França, entre 1909 e 1911, relativas ao ensino e às orientações científicas da área de letras da Sorbonne, refundada pelos republicanos. As polêmicas opõem os guardiões de uma forma de ortodoxia cultural, em que o latim ganha o primeiro lugar na seleção das elites, aos modernistas, favoráveis a uma abordagem mais positivista que daria mais lugar, sobretudo, às novas disciplinas do período (sociologia, psicologia). Esse conflito era também um conflito político, opondo os membros da Ação Francesa e os anti-dreyfusards (contrários a Dreyfus, no famoso caso envolvendo o capitão Alfred Dreyfus) à esquerda republicana da época.

<sup>5</sup> Unidade de ensino com classes que seriam equivalentes ao do nosso ensino básico, do 1.º ao 9.º anos. Nota do tradutor.

<sup>6</sup> Unidade de ensino com classes que seriam equivalentes ao nosso ensino médio. Nota do tradutor.

## Evolução das faculdades de letras e ciências humanas na França de 1949 a 2014

	1949	(em %)	1967	(em %)	1984	(em %)	2014	(em %)
Latim, Grego	73	13,9%	308	8,3%	401	5,5%	329	2,1%
Literatura Francesa	56	10,6%	607	16,4%	879	12,2%	1036	6,7%
Linguística	17	3,2%	75	2%	335	4,6%	798	5,2%
Literaturas Comparadas	6	1,1%	81	2,2%	168	2,3%	223	1,4%
<b>Grupo Letras</b>	152	28,9%	1071	28,9%	1783	24,5%	2386	15,4%
História Antiga, Medieval, Arqueologia, História da Arte	67	12,7%	254	6,9%	429	5,9%	811	5,2%
História Moderna e Contemporânea	48	9,1%	312	8,4%	560	7,7%	1126	7,2%
<b>Grupo História</b>	115	21,9%	566	15,3%	989	13,6%	1 937	12,5%
Geografia	48	9,1%	358	9,7%	545	7,5%	903	5,8%
Planejamento Territorial	/	/	/	/	106	1,4%	275	1,8%
<b>Grupo Geografia</b>	48	9,1%	358	9,7%	651	8,9%	1178	7,6%
Filosofia	56	10,6%	225	6,1%	330	4,5%	400	2,6%
Psicologia	8	1,5%	224	6,1%	404	5,5%	1350	8,7%
Sociologia	5	1%	95	2,6%	289	4%	924	6%
Antropologia	3	0,6%	16	0,4%	78	1%	207	1,3%
Epistemologia, História das Ciências	/	/	/	/	44	0,6%	92	0,6%
<b>Grupo Filosofia</b>	72	13,7%	560	15,1%	1145	15,7%	2973	19,2%
Inglês	40	7,6%	528	14,3%	1 097	15%	1783	11,5%
Alemão	36	6,8%	177	4,8%	421	5,8%	466	3%
Línguas Romance	31	5,9%	302	8,1%	521	7,1%	1023	6,6%
Línguas Regionais	9	1,7%	6	0,2%	15	0,2%	58	0,4%
Eslavo	7	1,3%	63	1,7%	127	1,7%	136	0,9%
Línguas Diversas	16	3%	62	1,7%	104	1,4	435	2,8%
<b>Grupo Línguas</b>	139	26,4%	1138	30,7%	2285	31,3%	3901	25,2%
Ciências da Educação	/	/	/	/	170	2,3%	669	4,3%
Informação, Comunicação	/	/	/	/	119	1,6%	817	5,3%
Artes	/	/	/	/	94	1,3%	700	4,5%
STAPS (Ciências e Técnicas das Atividades Físicas e Desportivas)	/	/	/	/	18	0,2%	834	5,4%
<b>Grupo Pluridisciplinar</b>	/	/	/	/	401	5,5%	3020	19,5%
Diversos, Teologia	0	0%	9	0,2%	35	0,5%	55	0,4%
<b>Total Geral</b>	526	100%	3702	100%	7289	100%	15450	100%

Fontes: Para 1949, Ministério da Educação Nacional, *Annuaire de l'Éducation nationale*, 1949. Para 1967, Sindicato Autônomo, *Annuaire des facultés des lettres et sciences humaines*, 1967. Para 1984, Antoine Prost et Jean-Richard Cytermann, "Une histoire en chiffres de l'enseignement supérieur en France", *Le Mouvement social*, nº 233, octobre 2010, p. 41-42. Para 2014, Secretaria de Estado para o Ensino Superior, setor DGRH, A1-1. Cálculos e recodificações sob nossa responsabilidade.

População: professores adjuntos e titulares (com a exceção dos não efetivos).

Porém, essa orientação privilegiada em direção ao passado, fundada essencialmente no estudo de um panteão de autores canonizados e do arquivo, tende a se enfraquecer, sobretudo, a partir do desenvolvimento de disciplinas com vistas mais práticas, como a linguística/fonologia, a geografia e as línguas. Assim, a partir de 1949, o vasto continente de línguas vivas aglutina mais de um quarto dos professores efetivos, quer dizer, duas vezes mais do que as línguas "mortas". E o alemão, com 36 professores, quase se aproxima do inglês (40).

Com efeito, a universidade francesa de então é um mundinho contando com nada mais do que 500 docentes titulares em letras. Trata-se de um meio de interconhecimento fortemente integrado, dominado pelos mandarins parisienses, todos homens, e muito ligados ao ensino secundário, no qual quase todos ensinaram um certo tempo, antes dos seus doutorados. É uma corporação gerontocrática extremamente hierarquizada, regulada pela tradição, pelas relações quase feudais de pessoa para pessoa totalmente compatíveis com um liberalismo acadêmico de grandes senhores, e mergulhada em uma temporalidade lenta perfeitamente simbolizada pela lenta elaboração do doutorado de Estado, "obra-prima" que abre o acesso do aprendiz ao mestre, como nas corporações de antigamente. Esse mundo de anteontem, de antes de 1968, perdura, notadamente,

por meio das relações pessoais de eleição/filiação que mesmo a geração de 1968 pode manter com alguns de seus professores formados à moda antiga.<sup>7</sup>

### **Corre, camarada, o velho mundo está atrás de ti<sup>8</sup>**

No entanto, as faculdades de letras não esperam maio de 1968 para se transformar. Por exemplo, as graduações em letras modernas e psicologia datam de 1947 e em sociologia, história da arte e arqueologia, de 1958. No mesmo ano, as faculdades de letras são rebatizadas de “faculdades de letras e ciências humanas”. Durante o período 1949-1967, e para fazer frente ao crescimento demográfico estudantil, os efetivos de docentes se multiplicam por mais de 7, enquanto que os estudos greco-latinos, a história (especificamente a antiga e a medieval), assim como a filosofia, perdem terreno para a literatura francesa e comparada, para a história moderna e contemporânea, para a psicologia, para a sociologia e, finalmente, para as línguas (mais particularmente para o inglês).

A parte relativa ao grupo das letras segue surpreendentemente estável durante esse período, o que esconde uma mudança em proveito da literatura francesa (e comparada) e em detrimento dos estudos greco-latinos: as letras “modernas” suplantam aos poucos as letras “clássicas”, para acompanhar as reformas do ensino secundário. Ao mesmo tempo, no âmbito do campo intelectual, essa modernização vai ao encontro da visibilidade crescente das ciências humanas e sociais modernas, ilustrada pela famosa querela de 1966 entre Roland Barthes e Raymond Picard a propósito da “nova crítica” e das leituras antagonistas de Racine<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> Ver alguns testemunhos, sobretudo os de Michelle Perrot, Maurice Agulhon, Georges Duby a propósito de Ernest Labrousse, Charles-Edmond Perrin, em Pierre Nora, *Essais d'égo-histoire*, Paris, Gallimard, 1985.

<sup>8</sup> Esse subtítulo faz referência a um slogan de maio de 68. Nota do tradutor.

<sup>9</sup> Roland Barthes, *Sur Racine*, Paris, Le Seuil, 1963; Raymond Picard, *Nouvelle critique ou nouvelle imposture*, Paris, J.J. Pauvert, 1966.

No período, a principal função social das faculdades de letras e ciências humanas é a de produzir docentes para o ensino secundário. Daí a dependência muito forte de seus programas aos deste nível de ensino e o papel-chave dos concursos de ingresso (Agrégação e CAPES). E é notadamente contra o jugo pesado do “todo-poderoso império do meio”, segundo Lucien Febvre, que se insurgem os docentes modernistas dos anos 1960, eles mesmos absorvidos pelo grande impulso de modernização da sociedade francesa. Assim, é possível ler a história dessas faculdades como a de sua lenta dissociação do ensino secundário.

Essa autonomização já opera sob o signo da ciência e de uma modernidade conquistadora, desejosa de substituir “o estudo das coisas” pelo “das palavras”, para recuperar a famosa expressão de Diderot. De fato, a ascensão das ciências humanas e sociais modernas vira do avesso o magistério humanista das disciplinas letradas e, ao mesmo tempo, renova profundamente seu arsenal interpretativo. Em um período de secularização acelerada, essa ascensão vem acompanhada da difusão do estruturalismo, da linguística, do marxismo, da psicanálise, da psicologia experimental, etc., sob a bandeira do que, de maneira bastante reveladora, alguns chamarão de “anti-humanismo teórico”. De modo geral, assiste-se, por volta de 1968, ao reencontro de um momento de criatividade intelectual excepcional dando lugar à produção de sínteses críticas produzidas, paradoxalmente, por professores formados na universidade à moda antiga, mas em ruptura com ela, e um movimento social, cultural e político profundo de forte tonalidade subversiva.

No ensino secundário<sup>10</sup>, a aspiração à cientificidade corresponde igualmente à ascensão da carreira científica em detrimento da literária, e depois, nos anos 1970, à invenção de uma terceira via entre as letras e as ciências, a carreira econômica e social, solidária, também, a uma abertura crescente ao “mundo contemporâneo” e, portanto, a uma ruptura com o fechamento na torre de marfim acadêmica. Com a recomposição da paisagem universitária pela lei Edgar Faure,

---

<sup>10</sup> O termo, no original, “enseignement secondaire”, engloba o “collège” e o “lycée”, isto é, o correspondente aos nossos fundamental 2 e ensino médio. Nota do tradutor.

as universidades literárias, além de renovar profundamente seus programas, abrir-se a novos objetos, a outros métodos (linguística, informática, psicanálise, abordagens estatísticas), tornam-se muito mais permeáveis à “demanda social” e “política”. E essas transformações, tanto da cultura acadêmica quanto da inscrição social das universidades, acompanham-se, através de um conflito geracional intenso, de um questionamento mais ou menos veemente da relação de dominação pedagógica tradicional. Instaura-se uma nova relação com o saber, mais pragmática e menos reverencial às hierarquias culturais tradicionais (surge então a crítica iconoclasta ao fetichismo letrado e o tema da “caixa de ferramentas conceituais”, que, em seguida, ganhará fama), que valoriza sobretudo as capacidades de pesquisa, de invenção, de adaptação, com a extensão do modelo do seminário, do colóquio, das mesas-redondas.

### **Profissionalização e virada administrativa**

É difícil avaliar até onde vai o período pós-maio 68. Um fato, entretanto, é revelador: a expansão do corpo docente universitário para, brutalmente, a partir de 1973-1974, e só é retomada ao final dos anos 1980, para responder à política de 80% de aprovação no exame do *baccalauréat*.<sup>11</sup> O contexto social e econômico de então é marcado pela expansão contínua do desemprego, sobretudo das novas gerações, mesmo diplomadas. De onde o desenvolvimento rápido dos diplomas profissionalizantes tipo DESS,<sup>12</sup> e, em seguida, do mestrado profissional. Eles são encontrados, particularmente, nas disciplinas recentes e mais aplicadas, como a psicologia, a sociologia, as ciências da educação, a comunicação, o urbanismo,

---

<sup>11</sup> Ou BAC, exame nacional francês, feito no final do lycée, correspondente ao nosso ensino médio, que permite aos aprovados pleitear o ensino superior. Nota do tradutor.

<sup>12</sup> Trata-se do Diploma de Estudos Superiores Especializados, que visava à inserção profissional no mercado de trabalho. Foi interrompido em 2005. Nota do tradutor.

etc., assim como nos estabelecimentos periféricos. Esse movimento é contemporâneo, também, de uma feminização do corpo docente, da multiplicação das IUT,<sup>13</sup> e de uma regionalização crescente do ensino superior.

Nesse novo contexto, o número de professores-pesquisadores dobra entre 1984 e 2014, mas a parte relativa ao grupo de letras baixa em 10% (vai de 24,5% a 15,4%), e apenas a linguística consegue, no começo do período, defender suas posições. Apesar de um certo respaldo popular (multiplicação dos “cafés filosóficos”, das universidades populares, dos periódicos específicos, etc.), ocorre o mesmo com a filosofia, enquanto que as novas disciplinas dos anos 1960 seguem avançando. As disciplinas canônicas continuam, assim, a declinar (latim/grego perdendo efetivos), o que alimenta uma deslegitimação e uma rejeição crescentes da cultura literária em um contexto geral marcado pela crise da imprensa, pelas dificuldades da edição em ciências humanas e pelo surgimento de uma cultura popular mundializada favorecida pelo desenvolvimento dos novos meios eletrônicos de comunicação. Essas mudanças morfológicas são contemporâneas de um “retorno do sujeito”, do “sentido”, da “ética” e, *in fine*, da religião. Tal coincidência alimenta um discurso de lamentação filosófico-literário que se apegua ao modelo do intelectual generalista (e “culto”) contra a figura onipresente na mídia do “especialista” ou do “expert”.

De fato, a verdadeira novidade acadêmica do fim do século 20 reside na expansão fulgurante do grupo dos estudos pluridisciplinares especializados em objetos e em áreas valorizados pela demanda social (a educação, as artes, o esporte, o urbano, a comunicação, o patrimônio, etc.). Em 2014, esse grupo já aglutina cerca de 20% dos docentes pesquisadores, ultrapassando até mesmo os efetivos do grupo filosofia. Dado um processo de obsolescência acelerado dos quadros disciplinares, as disciplinas modernas dos anos 1960 estão, por sua vez, em vias de serem relativizadas pelas recém-chegadas. O termo disciplina é, aliás, inapropriado para designar essas novas áreas com finalidades bastante instrumentais, em regime

---

<sup>13</sup> Institutos Universitários Tecnológicos. Nota do tradutor.



epistemológico por definição relativista e particularmente disperso. O desenvolvimento delas responde às demandas de formação, de expertise, de um saber de mercado para um mercado do saber, mas também de reflexão, de teorização (eventualmente crítica, especialmente em artes), emanando de lugares socioprofissionais variados geralmente exteriores ao ensino. Em favor da segunda massificação universitária, o aprofundamento da virada pragmática e presentista dos anos 60/70 se confirma e se prolonga, por vezes, em virada administrativa.

Em matéria de pesquisa, essa virada é acompanhada da hibridização, ou melhor, da balcanização disciplinar. Ao fim de um processo de especialização crescente, a mudança se encontra, em seguida, no âmbito de cada disciplina, o que bloqueia qualquer possibilidade de síntese. Tal estilhaçamento se alimenta, também, do desenvolvimento da pesquisa contratual, assim como do crescimento contemporâneo dos laboratórios de ideias (*think tanks*). Nesse novo tipo de equipe, a pesquisa, que é financiada, é, antes de tudo, guiada pelos problemas práticos, mais do que por questões “intelectuais”, ou disciplinares, percebidas essas como muito “cafonas”, ou “pouco sexys”, por financiadores cujas exigências sociopolíticas predeterminam, antecipadamente, e cada vez com mais força, os objetos de pesquisa, sob a forma de editais pré-direcionados.

### **Contrarrevolução empresarial e redução à insignificância política**

Certamente, essas mudanças permitem compreender melhor as reações diferenciais das disciplinas, mas também das instituições universitária, à contrarrevolução empresarial atual. Inspirando-se no modelo do empreendedorismo, esta visa, notadamente, a submeter a universidade, de maneira crescente, à demanda social e profissional externa e a reduzir, na mesma medida, sua autonomia científica. Em prol da segunda massificação, e em um contexto de concorrência generalizada entre os estabelecimentos, entre os universitários – que vê, sobretudo, crescer

o fosso que separa tanto os estabelecimentos quanto os “operários universitários” dos pesquisadores com forte visibilidade midiática –, as faculdades de letras e ciências humanas abriram-se largamente àquela demanda, rompendo definitivamente com o ensino secundário. Mesmo que estejam reduzidas a uma certa insignificância política e cada vez mais deixadas de lado, na produção de uma espécie de “ponto de honra espiritualista” – para falar como Marx –, as disciplinas tradicionais continuam ainda, em razão, principalmente, da histerese do *habitus* acadêmico, a usufruir de uma certa legitimidade intelectual no âmbito do mundo escolar e acadêmico e a buscar ganhos de distinção não negligenciáveis em certas mídias de nicho.

### **Bibliografia**

Pierre Bourdieu, *Homo academicus*, Paris, Minuit, 1984.

Christophe Charle, *La République des universitaires 1870-1940*, Paris, Seuil, 1994.

Wolf Lepenies, *Les Trois cultures. Entre science et littérature, l'avènement de la sociologie*, Paris, MSH, 1990.

Marie-Pierre Pouly, *L'“esprit” du capitalisme et le corps des lettrés. L'inscription scolaire de l'anglais et sa différenciation. XIX<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle*, doctorat de sociologie, École des Hautes Études en Sciences Sociales, décembre 2009.

Charles Soulié (dir.), *Un mythe à détruire? Origines et destin du Centre universitaire expérimental de Vincennes*, Saint-Denis, Presses Universitaires de Vincennes, 2012.